



# ARTE, MEMÓRIA E EDUCAÇÃO POLÍTICA: IMBRICAÇÕES ÉTICAS E ESTÉTICAS

## EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E MEMÓRIA

*Ana Paula Freitas de Albuquerque<sup>1</sup>*  
(*anapfa@outlook.com*)

### Introdução

A educação formal se adapta cada vez mais a um sistema fundado na competitividade, na produtividade, no lucro, e, nesse contexto, vem sendo solicitada a assegurar o desenvolvimento de competências para a formação de um sujeito polivalente e flexível, capaz de se inserir num mercado exigente e, ao mesmo tempo, volátil. Por conseguinte, em detrimento de uma formação humana integral, as políticas educacionais curvam-se aos interesses do mercado. A Reforma do Ensino Médio e a nova BNCC – Base Nacional Comum Curricular – confirmam esse processo em nosso país, menosprezando a arte, a literatura, a filosofia e todas as disciplinas que não sejam indispensáveis para formar a mão de obra adequada às necessidades do sistema.

Diante de uma crescente instrumentalização da educação, manifesta-se a importância de investigar sobre a possibilidade de diferentes saberes que, a partir da experiência, acionem a sensibilidade, a imaginação, a criatividade, desprezados em nome de uma razão que tem se mostrado um instrumento de dominação e de violência. Nesse contexto, pensando na arte também enquanto conhecimento que se dá a partir da experiência estética e na educação em sentido amplo, enquanto apropriação cultural, com base na concepção de formação humana integral – ou *Bildung* –, proponho refletir sobre a possibilidade de uma educação política a ser ativada pela arte contemporânea, de forma a superar a dinâmica produtiva e espetacular que orienta a existência no mundo atual.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo cujo objetivo é refletir sobre a experiência sensível por meio da arte contemporânea, especialmente a arte que lida com a memória, como uma forma de saber que, ao propor um olhar para o passado, é capaz de confrontar o indivíduo com as ambiguidades do nosso presente e, assim, ativar uma educação para a emancipação.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação/UNESC.



## **Arte e política**

Um fluxo reificador determinado pelo ciclo da mercadoria – produção, circulação e consumo – domestica a nossa existência na sociedade contemporânea. Imagens e eventos sucedem-se incessantemente no nosso cotidiano numa velocidade tal que impõe uma espécie de presentificação perpétua, reafirmando a realidade como algo natural. Uma racionalidade produtivista se espalha pelas esferas pública e privada, determinando comportamentos e afetando a percepção a ponto de estabelecer uma nova ontologia do sujeito. A atenção e a criatividade são capturadas de forma que nossa visibilidade nesse mundo espetacular depende da capacidade de fomentarmos uma imagem positiva acerca de nós mesmos.

Esse fluxo atua na esfera do consenso, de forma a manter a organização da sociedade e os quinhões que cabem a cada um no espaço da existência comum, de acordo com as ocupações, com o atributo da palavra e com a capacidade de visibilidade dos sujeitos, como informa Jacques Rancière (2009). Essa esfera comum em que se dá a partilha do sensível pode ser, vez ou outra, reconfigurada por meio do dissenso, ou seja, da inscrição de uma desordem que afeta a organização prévia da comunidade. Essa reconfiguração é política na medida em que desestabiliza a ordem policial encarregada de manter a partilha hegemônica. A arte, por sua vez, ao estabelecer uma experiência sensível diversa das experiências habituais, ao confrontar os sujeitos com o mundo real, ao inscrever a versão dos sem voz e sem palavra, dos esquecidos pela história oficial, é capaz de provocar o desentendimento e, assim, também perturbar a divisão normalizada. Arte e política atuam, em vista disso, provocando dissenso, violando a ordem comum que define o espaço/tempo que cabe a cada um e, dessa forma, ativando um processo de subjetivação política capaz de emancipar.

## **Memória, ética e estética**

Para que possamos entender a lógica que guia a nossa existência e construir outras possibilidades para a vida, é imprescindível uma atitude crítica frente à realidade objetiva. E uma crítica da realidade social não pode se desvincular de uma crítica da cultura. Nunca tivemos tanto acesso a bens culturais e, simultaneamente, fomos tão alienados frente a um processo histórico de subjetivação que visa o enfraquecimento do eu, o empobrecimento da experiência e a domesticação dos sentidos. Nesse viés, Walter Benjamin afirma que “nunca existiu um documento da cultura que não fosse ao mesmo tempo um documento da barbárie.” (BENJAMIN, 2012, p. 245). A cultura, por



consequente, se apresenta como um arquivo de catástrofes e assim deve ser lida. É a partir do presente, construindo uma trama por meio de rastros e ruínas que a história deve ser reescrita, sem a pretensão de dar conta de uma narrativa universal e totalizante. A historiografia positivista e universal, linear e progressista, cede lugar, então, ao registro plural do passado por meio da memória, despertada pelas necessidades do presente e permeada por uma dinâmica entre lembrança e esquecimento. Fragmentária e dialógica, a memória lida com as diferentes versões, com rupturas, com a possibilidade de trazer à tona a visão dos oprimidos, nesse sentido, comporta a alteridade no lugar da totalidade normalizadora.

A arte contemporânea, especialmente a arte que lida com a memória, tem se mostrado um importante espaço de inscrição dos traumas sociais do nosso tempo, apresentando e ressignificando fragmentos de nossa história e memória, e encarando o passado a partir de sua face catastrófica. O que interrompe o fluxo de imagens que anestesiavam, apresenta-se, nesse contexto, como dispositivo político que ativa uma escritura da história a *contrapelo* (BENJAMIN, 2012) e conecta a estética com a ética e com a política.

### **Arte e emancipação**

Perceber a realidade criticamente é uma tarefa que requer indivíduos autônomos e emancipados. Todavia, para Adorno (1995), assim como a ciência por si só não garante o progresso, já que é guiada por uma razão instrumental e utilitarista, a educação também não garante a emancipação. É preciso o exercício de um olhar crítico sobre suas possibilidades. E, sobretudo, diante dos projetos políticos educacionais em curso e da crescente instrumentalização da educação, torna-se importante resgatar o conceito de formação cultural, ou *Bildung*, como a designavam os idealistas alemães do Século XVIII.

A formação humana propõe um conhecimento que é adquirido por meio da experiência formativa como processo de apropriação da cultura, visando à autonomia e liberdade dos indivíduos no pleno uso de sua razão. Contudo, diante de uma mercantilização que se espalha por todos os âmbitos da existência, falar em apropriação cultural esvaziada de uma postura crítica conduziria a uma deformação ou semiformação, como alerta Adorno (2005). Ao contrário da emancipação, uma formação cultural nesses termos conduziria à *adaptação* e *aceitação* do sistema de dominação e sujeição. A formação cultural somente seria possível, hoje, a partir de uma



reflexão crítica dessa razão restritiva que move o mundo e a própria cultura, portanto, por meio de uma educação que nos confronte com todas as contradições, violências e desigualdades da sociedade na qual estamos inseridos.

E porque a arte contemporânea confronta o sujeito com seu mundo, desloca, provoca dissenso, faz romper com a ordem das coisas, ela é capaz de ativar uma reflexão crítica e contribuir para a emancipação. É, portanto, enquanto negatividade, enquanto dissenso em relação ao mundo, que a experiência com a arte, pode contribuir para uma verdadeira formação humana.

### **Considerações finais**

Espera-se, assim, confirmar a perspectiva de possibilidade de uma formação humana por meio da arte contemporânea que lida com a inscrição memorial. Ao resgatar os fragmentos do passado e promover um olhar crítico acerca do nosso tempo, essa experiência estética é capaz de nos fazer perceber que nosso presente é fruto de uma construção histórica e que, portanto, nosso futuro pode assumir novas perspectivas. Nesse contexto, a arte seria capaz de proporcionar um conhecimento isento de dominação e violência, aproximando a estética da educação, da ética e da política.

### **Referências**

ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor. **Teoria da semicultura**. In: Primeira Versão, ano IV, nº191, agosto. Porto Velho: 2005.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. Trad. Mônica Costa Netto. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.